

3

O LÁ FORA TAMBÉM PODE SER AQUI: SABERES SIGNIFICATIVOS ENTRE ESCOLA E UNIVERSIDADE

RESUMO: Este texto procura fazer uma síntese acerca das experiências vivenciadas por um professor de licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande Sul (UFRGS), na tentativa de promover experiências significativas de trocas entre licenciandos dessa instituição (cursos de História, Biologia, Geografia, Ciências Sociais, etc.) e estudantes de uma escola municipal localizada na periferia de Porto Alegre-RS. Constituiu-se, então, um coletivo de trabalho formado também por três professoras dessa escola e uma licencianda de Ciências Sociais. Ao longo de 2015 e 2016, organizamos uma série de atividades que buscaram, dentre muitos aspectos, aproximar a universidade da escola, na tentativa de suprir o hiato seguidamente manifestado pelos acadêmicos de que os currículos e as disciplinas das licenciaturas se mostram distantes da “realidade lá fora” (sic). A estratégia utilizada foi fazer uso da universidade como dispositivo de aproximação, resultando em um projeto extensionista bastante singular, marcado pela troca de cartas entre alunos da escola e da universidade, por vivências filosóficas e pela realização de oficinas interdisciplinares ministradas por e para esses alunos. Consideramos como singular o fato de essas oficinas serem todas planejadas, desenvolvidas e avaliadas pelos universitários, envolvendo quase

¹ Doutor em Educação e professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS; bedin.costa@gmail.com

² Pedagoga; joelmavborges@gmail.com

³ Licencianda em Ciências Sociais na UFRGS; tatiele.mesquitac@gmail.com

200 sujeitos. Na medida em que a universidade se propõe a transpor seus próprios muros, por vezes tão carregados de soberba e prepotência, e conversar com os verdadeiros atores da escola – alunas, alunos, professoras e professores –, acreditamos que os saberes, outrora assépticos e distantes, tornam-se mais significativos, signos de que tais encontros são não somente possíveis, como também necessários.

JUSTIFICATIVA

As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis

Manoel de Barros (2010)

Em um momento do país em que grandes políticas e programas educacionais são colocados em pauta, com suspensão e retrocesso de conquistas outrora firmadas coletivamente, julgamos ser cada vez mais necessário um combate em prol do que estamos chamando de *saberes significativos*. Com Manoel de Barros, quiçá o maior defensor das intimidades do minúsculo em nossa língua mãe, aprendemos e nos encorajamos a trabalhar nos deslimites do que está instituído, habitando o parco e fecundo espaço onde as fronteiras se mostram mais desguarnecidas. Interessa-nos não apenas pensar, mas também experimentar as potências que se instauram no ínterim das instituições educacionais. Decorrente disso, acabamos por nos perguntar: qual o papel da universidade na formação de professores? E da escola? Será esta apenas um espaço onde a(o)s futura(o)s professora(e)s experimentam conhecimentos aprendidos em suas disciplinas acadêmicas? E os milhões de crianças e adolescentes que passam boa parte dos seus dias em carteiras e pátios escolares, serão apenas objetos de estudo para observações, práticas e estágios acadêmicos? Por *ainda*⁴ acreditarmos no papel fundamental do professor e, levando em conta o que Freire (1996) tão bem nos aponta, pensamos que para construir uma sociedade pensante é necessária uma ação docente (pro)positiva – inconformada com as injustiças, atravessamentos e impasses de sua profissão, mas impreterivelmente atuante no território de onde faz parte.

Enquanto docentes⁵ acabamos por nos ver implicados em experiências que podem ser efetivamente marcantes aos nossos alunos e a nós mesmos. Partimos, então, do que estava mais próximo, não do que os grandes veículos de comunicação ou mesmo as grandes pesquisas educacionais seguidamente nos oferecem, mas sim do que nossa(o)s aluna(o)s nos relatam acerca de como percebem a escola e universidade. Em 2015, mobilizados por uma recorrente queixa discente que apontava, e ainda aponta, o distanciamento entre os saberes oferecidos pelos currículos de licenciatura e sua aplicabilidade no cotidiano da escola, acabamos nos vendo convocados a pensar estratégias que pudessem aproximar tais distâncias. Muito costumeiramente ouvimos dos licenciandos da UFRGS a expressão de que a faculdade estaria distante da “realidade lá fora”, atestando a sensação de que boa parte dos saberes vivenciados ao longo de seus currículos não dialoga de modo efetivo com o que estes alunos julgam ser o cotidiano de uma instituição escolar pública, suas dificuldades, desafios e atravessamentos. Enquanto professores de uma Faculdade de Educação, a qual recebe semestralmente licenciandos dos mais diferentes cursos, é inevitável que vejamos nesse hiato um grande problema a ser enfrentado e que, obviamente, não será resolvido de uma maneira simplória ou mesmo imediata. Entendendo que essa problemática não se restringe à forma como os currículos são comumente estruturados – ainda centrados em saberes teóricos e com uma reduzida carga horária de práticas pedagógicas – e sabedores de que se trata, também, de uma macropolítica

⁴ O *ainda* é aqui utilizado de forma provocativa, pois nos parece que, embora tenhamos um discurso social que valora o papel do professor, acompanhamos um verdadeiro desmonte da atividade docente ao longo desses últimos anos, em políticas e decisões micro e macrorregionais que efetivamente inviabilizam o desejo ou aposta dos sujeitos pela carreira docente.

⁵ A utilização da primeira pessoa do plural “nós” se faz necessária, pois se trata de uma proposta tecida e desenvolvida a várias mãos. Ao longo desses últimos dois anos constituímos um grupo de trabalho formado por um professor universitário, três professores da escola básica e uma licencianda em Ciências Sociais (monitora da disciplina), desencadeando na proposta enviada para esta premiação.

educacional que historicamente negligencia e desinveste capital econômico e simbólico na educação básica, resolvemos encarar o problema e fazer do espaço que nos cabe – no caso, uma disciplina de graduação – algo potente.⁶ Por se tratar de uma disciplina de dois créditos acadêmicos (com carga horária semestral de 30 horas) e por não fazer parte do núcleo de disciplinas práticas dos currículos de licenciatura,⁷ tivemos que pensar em estratégias que pudessem, no curto espaço de tempo que temos junto aos alunos semanalmente, permitir a aproximação do que é vivenciado na sala de aula com este “lá fora” supracitado. Pensamos, então, em fazer uso da extensão universitária como agente aproximador, incorporando de modo orgânico uma das alianças preconizadas e pactuadas entre as universidades públicas brasileiras, que diz respeito à indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. De acordo com a Política Nacional de Extensão Universitária (BRASIL, 2012), tal indissociabilidade teria a força de inserir o aluno na condição de protagonista de sua formação técnica e cidadã, devendo ser compartilhada com todos os agentes envolvidos: professores, técnico-administrativos, instituições de trabalho e comunidade em geral. Os espaços pedagógicos tornam-se, pois, ampliados, havendo a necessidade de pensarmos experiências de aprendizagem que possam superar modelos hegemônicos calcados em relações verticais de poder e centrados em uma única perspectiva de aula.

Dessa maneira, emerge um novo conceito de ‘sala de aula’, que não mais se limita ao espaço físico tradicional de ensino-aprendizagem. ‘Sala de aula’ são todos os espaços, dentro e fora da Universidade, em que se apreende e se (re)constrói o processo histórico-social em suas múltiplas determinações e facetas. (BRASIL, 2012, p. 50)

Diante de tal panorama, organizamos a ação de ensino-extensão intitulada “Saberes significativos: quando a universidade aprende com a escola e escola aprende com a universidade”, em parceria com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Neusa Goulart Brizola (Porto Alegre-RS), com a qual já havíamos firmado interessantes parcerias. Em termos estruturais, esta ação tem se organizado da seguinte forma: os alunos cursantes da disciplina que ministramos são convidados a desenvolver oficinas interdisciplinares na escola em questão, assim como alunos da escola são convidados a pensar oficinas junto aos licenciandos, compondo uma metodologia que prioriza processos dialógicos e participativos. Em todo o processo da ação, que perdura um semestre letivo, promovemos espaços onde a universidade e a escola possam estabelecer trocas efetivas, que vão desde os momentos iniciais – quando os participantes se conhecem e prospectam interesses comuns –, passando pelo planejamento, desenvolvimento e avaliação coletiva das oficinas.

Neste segundo semestre de 2016 estamos dando continuidade ao projeto, agora com uma nova turma de licenciatura de Psicologia da Educação II. A ideia é que possamos reformular alguns pontos e ampliar o potencial transformador desta ação. É com isso que contamos.

6 Trata-se da disciplina EDU01012 – Psicologia da Educação II, disponível de forma obrigatória e eletiva a várias licenciaturas da UFRGS, dentre as quais: Biologia, Física, Química, História, Ciências Sociais, Artes Dramáticas, Geografia, Letras, Matemática, etc.

7 Essa disciplina faz parte do conjunto de disciplinas que compõem o núcleo de estudos e fundamentos básicos dos currículos de licenciaturas da UFRGS.

CONTEXTO EM QUE O TRABALHO FOI INSERIDO

“TEM CARTA PARA VOCÊ!”

Em termos cronológicos, nosso projeto iniciou-se em 2015 por meio do projeto “Tem carta para você!”, o qual envolveu uma troca de cartas entre a(o)s aluna(o)s da escola e a(o)s licenciando(a)s da UFRGS. Cada aluna(o) escolheu um pseudônimo, iniciando uma correspondência que perdurou o ano inteiro. A ideia é que, a partir da correspondência, esta(e)s aluna(o)s pudessem se conhecer e, de certa forma,

compartilhar alguns aspectos do mundo do outro. Os pseudônimos atçaram a criação de um imaginário por parte dos participantes, fazendo com que estes pudessem revelar e imaginar aspectos talvez mais complicados caso suas identidades fossem reveladas de imediato. Ao longo do ano se fizeram presentes Frida Khalo, Moby Dick, Newmar, Clarice Lispector, Nemo, Penélope Charmosa, dentre outra(o)s. Somente ao final de cada semestre foram revelados os verdadeiros nomes e rostos, em um bonito encontro realizado na Faculdade de Educação (Anexo 1).

OLIMPÍADAS DE FILOSOFIA COM CRIANÇAS DO RIO GRANDE DO SUL-RS

No segundo semestre de 2015 realizamos a V Olimpíada de Filosofia com Crianças do RS, a partir do grupo de pesquisa do qual fazemos parte.⁸ Ao longo dos meses, realizamos atividades de filosofia junto aos alunos da Escola Municipal Neusa Brizola, reforçando vínculo outrora firmado por meio das cartas. Optamos por um filosofar peripatético, experimentando o filosofar no contato com a cidade/natureza, pelo caminhar. Aluna(o)s de licenciatura eram recepcionada(o)s por aluna(o)s da escola, que a(o)s conduziam a visitas por bonitos locais próximos à escola e pouco conhecidos por todos (Anexo 2).

PROJETO DE EXTENSÃO “SABERES SIGNIFICATIVOS”

Já provocados pela parceria e experiências constituídas junto à escola, iniciamos no primeiro semestre de 2016 o projeto de extensão “Saberes Significativos: quando a universidade aprende com a escola e a escola aprende com a universidade”, contando com a participação de 36 licenciandos, provenientes dos cursos de Geografia, Biologia, Letras e História, e 85 alunos da escola, em idades que variam entre 9 e 17 anos. O que esta ação entende como inovadora é a possibilidade de constituir intercâmbio e experiências entre os cursos de licenciaturas e a escola, em um processo que não se quer verticalizado ou marcado por propostas que não dialogam com os desejos da escola ou mesmo dos universitários. Intenta-se, pois, formar um espaço onde os saberes, construídos coletivamente e com o sabor de experimentações, possam ser efetivamente significativos, marcados pelo tom de uma invenção e de uma responsabilidade ética perante o outro. Conforme diria o filósofo Martin Buber, o “nós” se dá em detrimento da relação do “eu” para com o “tu”. É na relação eu-tu que algo maior acontece. Trata-se, também, daquilo que o poeta Manoel de Barros (2010, p. 239) escreve, de que “os outros, o melhor de mim sou eles”. Isso nos leva a compreender a potência do outro e do grupo nos processos de aprendizagem. Logo, grupos escolares relacionados a grupos universitários geram algo maior e conseqüentemente mais valoroso, um “nós” de mútua troca que supera qualquer soma ou acúmulo de partes. Se um aprender real não for unilateral, portanto, é natural concluir que, em termos de construção do aprender, ele se fortalece quando relacionado com algo que o torna maior. Logo, tanto para os escolares quanto para os universitários, o ganho é epistemologicamente maior. Quando nos dispomos a transitar no miúdo e no grande, dando a mesma importância e relevância a ambos, promovemos a investigação, desestabilizando e provocando o impensado, abrindo a possibilidade para outros modos de docência, fazendo dessa jornada algo muito potente e transformador. O miúdo e o grande se fazem quando aluna(o)s de licenciatura percebem (na prática) formas mais promissoras de diálogo com seus futuros alunos, assim como aluna(o)s da educação básica, já bastante desacreditada(o)s e estigmatizada(o)s, se veem partícipes desse processo, valorizados pelos saberes que possuem (Anexo 3).

⁸ Trata-se do Grupo de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) Cabeça de Criança: Arte, Educação, Filosofia e Infâncias (Aefi).

OBJETIVOS

- Proporcionar aos licenciados da UFRGS (Biologia, História, Geografia, Letras, Ciências Sociais, etc.) experiências didático-vivenciais com alunos da educação básica.
- Ofertar aos alunos da escola a possibilidade de transitar no espaço da Universidade e trocar conhecimentos com alunos universitários.
- Envolver os participantes em todas as etapas de aprendizagem: prospecção de interesses comuns, planejamento, realização de oficinas e avaliação, alternando os papéis de professor-aluno.
- Proporcionar aos alunos da escola experiências efetivas de condução/ coordenação de oficinas aos licenciandos (algo que consideramos bastante inédito e singular).
- Estimular a criatividade e autonomia na realização das atividades planejadas no decorrente projeto.
- Reconhecer e valorizar o conhecimento como uma ferramenta de transformação do indivíduo.

CONTEÚDOS CURRICULARES PRIORIZADOS

Conforme mencionado, o projeto de extensão se faz conjunto à disciplina de Psicologia da Educação II, a qual tem como ementa o estudo das teorias psicológicas que abordam a construção do conhecimento, destacando as teorias interacionistas e suas contribuições para a pesquisa e as práticas educativas. Os autores estudados são Jean Piaget e Lev Vygotsky, buscando compreender as relações entre desenvolvimento e aprendizagem em suas teorias, os diferentes fatores relacionados com as transformações das condutas cognitivas desde a infância até a idade adulta. Com o contato com a escola e a realização das oficinas, buscamos mobilizar nos licenciandos uma reflexão epistemológica acerca de como concebem a aprendizagem dentro de uma perspectiva grupal, assim como provocar um pensar pedagógico que faça uso da interação/mediação como fator primordial, heranças geradas pelos dois pensadores que conduzem a disciplina.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

Em janeiro desse ano iniciamos a elaboração do projeto a partir de uma reunião com professoras da Escola Neusa G. Brizola, monitora e professor da disciplina participante do projeto. Nesse encontro pensamos algumas diretrizes para o projeto. Na primeira preleção com os alunos da disciplina Psicologia da Educação II, duas professoras da escola foram convidadas, para juntos apresentarmos a proposta do projeto. Nesse momento foram mostrados um pouco do histórico da escola, localização, realidade dos alunos, proposta pedagógica, dificuldades, experiências. Muitas perguntas e dúvidas surgiram em relação à escola e ao projeto, dando início a uma interação e uma vontade de conhecer a escola e executar o projeto.

Depois disso, fomos até a escola, reunidos com os alunos e professores envolvidos com o projeto, e apresentamos o projeto, falamos sobre o perfil dos alunos universitários e da disciplina, bem como respondemos alguns questionamentos. Fomos impactados com o brilho nos olhares atentos das crianças, com as perguntas e as respostas, com o entusiasmo e a vontade de contribuir, seres pequenos mas ao mesmo tempo tão resolutos.

O encontro seguinte foi uma plenária na escola, entre os alunos e os licenciandos da UFRGS, levantando demandas e expectativas comuns de trabalho. Esse momento foi muito bonito, tendo em vista a interação efetiva entre os participantes. Formamos grupos mistos, em que aluna(o)s da escola e licenciando(a)s puderam falar sobre coisas que gostariam de aprender e ensinar nas oficinas (Anexo 4).

A partir daí surgiu a escrita dos projetos das oficinas. Alunos da UFRGS planejaram oficina/intervenção junto aos alunos da escola pública. O mesmo aconteceu com os alunos da escola, que produziram planejamentos de oficinas que foram desenvolvidos para os licenciandos da UFRGS, acompanhados pela(o)s professora(s) envolvida(o)s. Depois de desenhados os projetos de cada oficina, todos a(o)s aluna(o)s envolvida(o)s (sejam da escola ou da universidade) passaram por uma banca avaliadora formada pelos professores da escola e universidade, para quem puderam apresentar seus projetos, recebendo *feedbacks* e sugestões de aprimoramento.

Foram desenvolvidas nove oficinas no decorrer do semestre, seis por parte dos alunos universitários – *Revivendo a magia da mitologia*; *O que as novas tecnologias de comunicação nos trazem de significativo?*; *Cordel paleobiogeográfico*; *História da vida na Terra*; *Concordo ou discordo?*; *Como é produzida e as diferentes leituras de uma reportagem* – e três oficinas dos alunos da escola: *Aprendendo rimas com mulheres guerreiras*; *Adolescência e verdade*; e *Navegando mais, vivendo menos*.

OFICINAS ADMINISTRADAS PELOS ALUNOS UNIVERSITÁRIOS

A turma de Psicologia da Educação II construiu seis grupos de oficinas, sendo que os 36 alunos da turma se dividiram interdisciplinarmente, planejando nas aulas da disciplina e as executando na escola (Anexo 5).

Na oficina *Revivendo a magia da mitologia* (Anexo 6) houve uma interação fantástica dos alunos do 4º ano do II ciclo do ensino fundamental, que demonstraram interesse no desenvolvimento narrativo da Guerra de Troia. Deuses e heróis passaram a habitar naquele momento o mundo das crianças. Essa oficina estimulou os alunos a partir de encenações teatrais, incorporação de personagens da mitologia grega, ajudando a construir as vestimentas, ensaiando as falas e apresentando para toda a turma. Mais do que conhecer sobre a história grega, tiveram a possibilidade de exercitar sua oralidade, trabalhar em grupo e ver o resultado de um trabalho coletivo. Desde o início da oficina ficou claro o uso de várias habilidades, como a de relacionar o tema da oficina com vivências trazidas de histórias de deuses e heróis gregos contadas em desenhos animados, livros, histórias em quadrinhos e filmes.

Na oficina *O que as novas tecnologias de comunicação nos trazem de significativo?*, os alunos participaram de forma ativa e crítica. Nas aulas de filosofia, esse tema já tinha sido amplamente discutido e os alunos formularam muitas perguntas, apontaram muitas reflexões, em especial sobre a questão do lixo eletrônico, surgindo várias visões políticas sobre o assunto e preocupações sobre como o mundo pode resolver o imenso problema criado pela tecnologia. Os participantes apontaram seus conhecimentos sobre aspectos positivos da tecnologia, como estar conectados com o mundo, pesquisar sobre diversos temas, amizades virtuais, campanhas de mídias sobre temas interessantes como os direitos, questões de gênero, ambientais, preconceitos, etc. A partir das discussões, foram criados roteiros e produzidos dois vídeos: um sobre nudez na internet e *bullying*; e outro em que simularam uma Convenção com alguns países membros da ONU (Organização das Nações Unidas) acerca das soluções para o lixo eletrônico. Os vídeos foram produzidos a partir da encenação dos alunos, usan-

do o espaço da sala de aula e do pátio da escola. Esses vídeos foram mostrados na cerimônia de encerramento dos projetos na UFRGS.

Por meio de estímulos lúdicos e visuais, o *Cordel paleobiogeográfico* (Anexo 7) trouxe a história da vida na Terra. No primeiro momento da oficina foi formado um círculo onde os alunos falaram sobre seus conhecimentos a respeito do tema. O cordel foi constituído a partir de um varal com gravuras das diversas fases cronológicas da Terra. Após a conversa sobre cada período histórico, os alunos foram convidados a organizar a sequência pela ordem cronológica, sendo que cada período estava associado a uma cor. Outro material usado foi um relógio do tempo da Terra, construído com cores relativas a cada período histórico da Terra.

A oficina *História da vida na Terra* trouxe a mesma temática da oficina anterior, mas de uma forma completamente diferente. Os alunos foram estimulados a partir de um vídeo sobre o calendário cósmico que antecede o surgimento do nosso planeta. Várias habilidades foram testadas, como concentração para poder entender a sequência cronológica e leitura do texto no seu envelope. A cada leitura fazia-se um debate com explicações científicas sobre o assunto. Os alunos ministrantes dessa oficina avaliaram que, em alguns momentos, o método utilizado deixou o ritmo da atividade um pouco monótono e cansativo.

Concordo ou discordo constituiu-se a partir de um jogo de ideias e debates. As licenciandas formularam perguntas e/ou afirmações sobre direitos humanos e direitos das mulheres. A proposta era apresentar ideias pertencentes ao senso comum em relação a esses temas, sem que os alunos fossem avisados previamente sobre qual assunto estavam concordando ou discordando. Ao escolher que posição defendiam, eles se posicionavam no grupo dos que discordavam ou no dos que concordavam, separando a turma em dois grupos. Nessa oficina foi trabalhada a habilidade de argumentar. A partir dos argumentos podia-se mudar de posição ou de grupo, sendo uma oficina com muito movimento, criticidade e, principalmente, um exercício reflexivo respeitando as ideias dos demais.

Na última oficina realizada pelos universitários – *Como é produzida e as diferentes leituras de uma reportagem* –, os alunos da escola faziam perguntas curiosas sobre o tema e, depois, trabalhavam com vários exemplares de jornal, lendo e interpretando as matérias jornalísticas.

OFICINAS ADMINISTRADAS PELOS ALUNOS DA EMEF NEUSA GOULART BRIZOLA

Foram três as oficinas planejadas e executadas pelos alunos da escola, invertendo a lógica e os papéis das oficinas anteriores, com os alunos da UFRGS ocupando o lugar de receptores das oficinas. Literalmente, é o aprender e o ensinar na prática. Durante um mês, os alunos da escola escolheram os temas para prepararem as oficinas. Elaborou-se um roteiro com alguns passos que poderiam ajudar na hora de produzir a oficina. O roteiro foi adaptado a uma linguagem acessível para os alunos, mas que envolvia os objetivos, metodologia, recursos a ser utilizados e referências bibliográficas.

A oficina *Aprendendo rimas com mulheres guerreiras* (Anexo 8) partiu de um trabalho já existente da professora referência da turma do 4º ano do II ciclo do ensino fundamental. Os alunos haviam estudado algumas biografias de mulheres como Frida Kahlo, Maria Degolada (história real acontecida em Porto Alegre) e Malala. Eles acessaram a literatura sobre essas três mulheres e, após analisarem as histórias e o que poderiam aproveitar de conhecimento para suas vidas sobre direito das mulheres,

criaram rimas sobre o tema. Ao se debruçarem sobre o roteiro, apontaram que poderiam aplicar em forma de oficina esse conhecimento adquirido na sala de aula. A oficina começou com a apresentação dos livros utilizados em aula e, depois, alguns alunos da escola contaram as biografias das mulheres denominadas por eles como guerreiras. Os alunos da UFRGS foram convidados a fazerem rimas, apresentando-as no final da oficina.

Adolescência e verdade (Anexo 9) foi uma oficina desenvolvida nas aulas de filosofia em uma turma do 5º ano do IIº ciclo do fundamental. A escolha do tema originou-se a partir do estudo realizado nas aulas de ciências e foi apontado como relevante para os alunos da UFRGS porque poderia haver uma troca de informação sobre adolescência, já que alguns alunos da licenciatura ainda podem ser considerados adolescentes. As alunas da escola escolheram fazer o “jogo da garrafa”, formulando perguntas que seriam lançadas aos participantes. Com os alunos sentados no chão, em círculo, começou o jogo. No final, realizou-se uma conversa sobre verdade, mito e a adolescência.

A oficina *Navegando menos, vivendo mais* (Anexo 10) foi criada nas aulas de filosofia do 8º e 9º anos do III ciclo do ensino fundamental. Os alunos entenderam o quão relevante são esses temas, pois gostariam de debater sobre as diferentes visões e usos da informática pelos alunos da escola e os universitários. Para preparar o debate foram exibidos dois vídeos sobre tecnologia de modo geral na história da humanidade. Depois foi realizada uma apresentação teatral pelos alunos do 8º ano, que criaram cenário, personagem e roteiro com os diálogos. O primeiro esquete trata do uso constante do celular por uma adolescente que não escutava a mãe chamar para o almoço, não aceitava passear com uma amiga e não realizava as tarefas escolares. O segundo esquete envolvia uma sala de aula, onde ocorria uma situação de preconceito e falta de respeito com duas alunas consideradas *nerds* pelos demais alunos. Por último foi realizado um debate envolvendo as questões apresentadas pelo teatro e perguntas elaboradas pelos alunos em sala, havendo uma grande interação entre todos os presentes.

No final do semestre realizou-se o encerramento (Anexo 11). Foi um grande encontro com exibição de vídeos derivados da oficina *O que as novas tecnologias de comunicação nos trazem de significativo?* e apresentação de um *rap* que conta a história da guerreira Maria Degolada, realizada por doisicineiros de *Aprendendo rimas com mulheres guerreiras*. Mostramos um vídeo⁹ produzido por professoras da escola com registros e relatos dessa experiência. O encontro foi também de avaliação coletiva. Alunas(os) e professoras da escola e da universidade foram convidadas(os) a falar sobre suas percepções acerca do projeto. As narrativas apresentadas estavam carregadas de muita emoção e afeto, ressaltando a troca de saberes verdadeiramente *significativos* que essa experiência proporcionou.

AValiação DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

Verificamos nos alunos, em relação às suas aprendizagens: participação por meio da expressão oral, senso crítico e reflexivo, autonomia, interesse pelo conhecimento, envolvimento nas atividades, autoestima, criatividade, postura em diferentes espaços, organização e planejamento das atividades.

AUTOAVALIAÇÃO DO PROFESSOR FORMADOR

Este projeto está sendo efetivamente transformador para nós e para as instituições envolvidas (universidade e escola), gerando um bonito impacto na mídia local.¹⁰ Ao

⁹ Vídeo disponível no Youtube: <<https://www.youtube.com/watch?v=osbp9GgS29w>>. Acesso em: 26 out. 2016.

longo dos nossos anos de docência junto à formação de professores, nunca nos vimos tão mergulhados em uma experiência, acreditando em cada passo dado coletivamente, em cada sorriso ou mesmo pestana manifestada pelos alunos. Consideramos também fundamental a aproximação entre o ensino e a extensão universitária, que nos parece muito frutífera, com potencial de transvalorar lugares já constituídos, desmanchar discursos e apontar para posturas mais (pro)positivas, ainda mais em um momento do país como o que estamos vivendo nos dias atuais. Saberes só serão significativos quando construídos no coletivo – é isso que estamos aprendendo e somos gratos a todos os participantes, dos pequenos aos adultos (Anexo 12).

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

BRASIL. *Política Nacional de Extensão Universitária*. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras, 2012. 74 p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

¹⁰ Como em matéria no *site* da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre - SMED/POA: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smed/default.php?p_noticia=187435&ESCOLA+NEUSA+BRIZOLA+DESENVOLVE+PROJETO+EM+PARCERIA+COM+A+UFRGS>. Acesso em: 26 out. 2016.

ANEXOS

1. ENCONTRO FINAL DE TROCA DE CARTAS



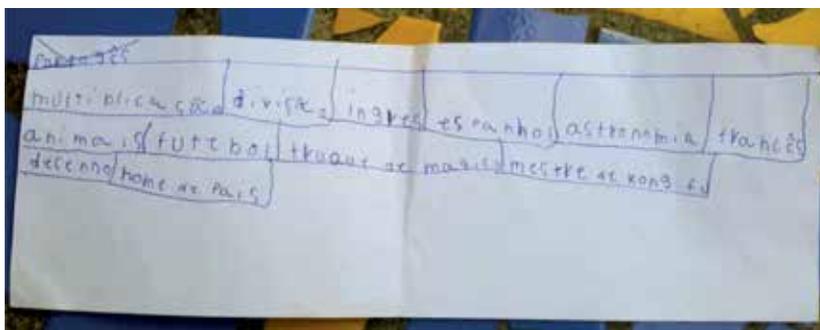
2. UMA TARDE EM QUE SUBIMOS O MORRO DO OSSO EM PORTO ALEGRE-RS



3. GRUPO DE ALUNOS DA ESCOLA ADMINISTRANDO AULA NA UFRGS



4. LISTA DE COISAS QUE UM ALUNO DE OITO ANOS GOSTARIA DE APRENDER COM ALUNOS DA UFRGS



5. ORGANIZAÇÃO DAS OFICINAS EM AULA NA UFRGS

Cursos	Alunos	Semana da Oficina na escola	* 21/06 - apresentação do projeto
Ciências Biológicas	16	09 - 13/05	* máquina, história... (desafios)
Geografia	11	16 - 20/05	* DDI
História	04	23 - 27/05	* Sistemas econômicos
Letras	07	30/05 - 03/06	* astronomia
TOTAL	38	06 - 10/06	* história da vida na terra
		13 - 17/06	* astronomia

* Desajuste no mínimo por grupo
2 BIO
1 GEO
1 LETRAS

* 21/06 - Encontro final

* Estado latívico
* Tecnologia
* "Mundo antigo"

6. OFICINA REVIVENDO A MAGIA DA MITOLOGIA



7. OFICINA CORDEL PALEOBIOGEOGRÁFICO



8. OFICINA APRENDENDO RIMAS COM MULHERES GUERREIRAS



9. OFICINA ADOLESCÊNCIA E VERDADE



10. OFICINA NAVEGANDO MENOS, VIVENDO MAIS



11. ENCERRAMENTO



12. PARTE DO GRUPO DE ESTUDANTES DA ESCOLA E UNIVERSIDADE JUNTOS



Crédito das fotos: Joelma de Vargas Borges